

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

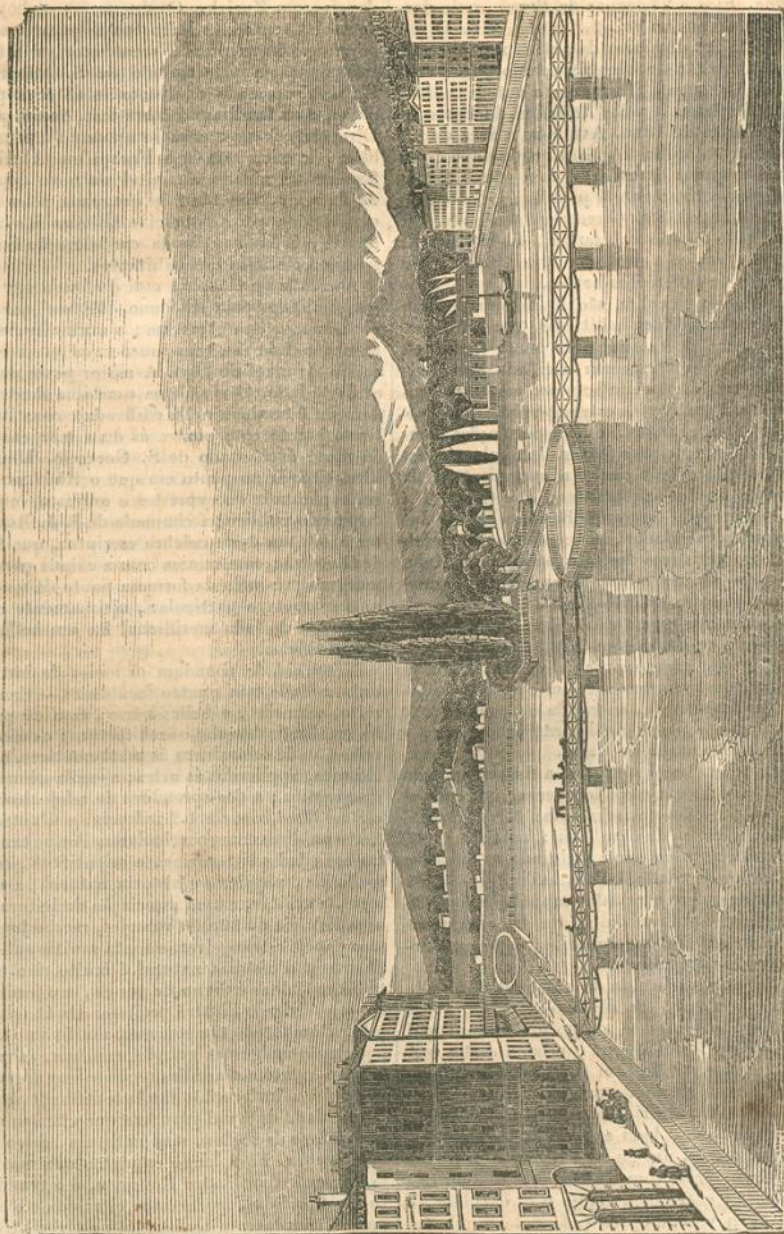
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

88)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(JANEIRO 5, 1839)



UMA VISTA DE GENEVRA.

A CIDADE, E A REPUBLICA DE GENEBRA.

A CIDADE de Genebra dá o nome a um cantão da confederação Helvética, situado na extremidade sudoeste da Suíça, limitado ao norte pelo cantão de Vaud, de cuja capital, Lausanna, [vid. estampa e artigo, vol. 1.º, pag. 137] dista 11 leguas de 25 ao grau; a leste e ao sul confina com a Saboia, e pelo occidente com o departamento francez de l'Ain. Está sobre o formoso lago também do seu nome, bem conhecido na antiguidade, e ainda hoje, por lago *Lemano*. Fica a 23 leguas de Berne, cuja descripção e vista demos no vol. 2.º a pag. 213. O seu territorio consta dos dominios da antiga republica de Genebra, do districto de Vervoix cedido pela França, e dos de Carouge, Hermance e outros cedidos pelo rei de Sardenha, pelos tratados de Paris de 1814, e de Turim de 1816. Avalia-se a área de todo o cantão em 93 milhas inglezas quadradas; é portanto o mais pequeno da Suíça, mas não o menos importante, respectivamente á população, industria, opulencia, e valia politica. O recenseamento de 1834 deu em resultado 56:655 habitantes, sendo só os da cidade 27:177, em cujo numero entra grande cópia de estrangeiros de diferentes nações.

Os suburbios de Genebra são lindissimos e bem povoados. A industria dos habitantes tem feito productivo o terreno, de sua natureza pouco fertil. Os paizes circumvisinhos abastecem a cidade dos generos que lhe faltam. As manufacturas, porém, o emprego de capitães em fundos estrangeiros, as operações de banco e de cambios, e as especulações commerciaes, são as principaes fontes da opulencia dos genebrinos; e esta cidade que é a mais povoada da Helvecia conta muitos capitalistas, e é também a mais rica, á excepção talvez de Basilea [Bâle]. Industria, espirito calculador, e economia são as feições geraes caracteristicas dos seus habitantes. Relogios e ourivaria são actualmente as principaes manufacturas; quasi cem mil relogios se fabricam e exportam annualmente para varios paizes: só neste ramo de industria se empregam 2:000 individuos, e em obras de joias e adereces mais de mil. O trafico commercial occupa mais de quatro mil pessoas do povo miudo, que disso vivem, entrando na conta 1:800 estrangeiros, que são principalmente saboyanos, e suíços visinhos do cantão de Vaud.

O cantão de Genebra é obrigado a fornecer á confederação Helvética, em caso de guerra, um contingente de dois batalhões de infantaria, 3 companhias de artilheria, e uma de cavallaria; ao todo 1:760 homens. A milicia do cantão, incluindo os cidadãos de 20 a 45 annos de idade, e montando a uns 5:500 homens, tem exercicio e revista annual. Além disto para o serviço e policia da cidade ha uma guarnição de 120 artilheiros mercenarios, e 30 gendarmes, quasi todos estrangeiros.

Genebra foi bem conhecida da antiguidade; della faz menção Julio Cesar, de *Bello Gallico lib. 7*. A antiga republica originou-se do governo municipal da cidade, a quem Carlos Magno concedeu certos privilegios e franquias, sendo com tudo subordinado ao bispo, que tinha o titulo de principe de Genebra, e era immediato feudatario do imperio. O célebre S. Francisco de Sales, bem conhecido por seus escriptos e virtudes, foi um de seus bispos e principes temporaes. Occorreram com o andar dos tempos frequentes dissensões entre os prelados e os cidadãos, e com os condes genevenses, dynastia feudal oriunda dos restos do naufragio do antigo reino de Borgonha, e que governava a provincia adjacente da Saboia, que ainda é chamada o *Genevese*; sua capital Anney. Tudo isto foi causa de disturbios e guerras civis.

Extincta a linha dos condes genevenses no decimo quarto seculo, a sua herança coube em partilha á casa de Saboia, que obteve do imperador Sigismundo a investidura em 1422; e daqui derivaram as pertençaes dos duques de Saboia sobre Genebra, pertençaes e direitos que nunca foram completamente levados a effeito. Na epocha da reforma protestante o bispo deixou a cidade, e retirou-se para Anney; desde então Genebra ficou sobre si, e travou alliança com os cantões de Berne e de Fryburgo, e depois com Zurich. Os duques de Saboia, e depois de varias tentativas infructuosas para a subjugarem por força ou surpresa, reconheceram a final a sua independencia pelo tratado de S. Julien em 1603. No seculo passado as dissensões entre o partido popular, e as familias aristocraticas, deram pretexto ao Directorio francez para se apossar da pequena republica, e encorpora-la á França em Abril de 1793, fazendo da cidade a capital do novo departamento do *Lemano*. Em 1814 foi occupada pelos austriacos, e restituída pelas potencias alliadas á sua independencia, como cantão da confederação Suíça, com grande satisfação dos habitantes.

A cidade de Genebra está edificada em dois outeiros, divididos pelo Rhódano, [Rhône] que sac do lago Lemano, que atravessa: o mais alto, na margem meridional do rio, tem pouco mais ou menos cem pés acima do nivel do lago. A maior parte da cidade fica deste lado. O rio fórma uma ilha dentro da cidade, que é também nella edificada e constitue um districto juncto com pontes ás duas margens: o bairro do norte é chamado de S. Gervasio. Uma pequena ilha, situada no ponto em que o Rhódano sac do lago, é plantada de cyprestes e outras arvores, e serve de passeio publico; é chamada de J. J. Rousseau, por ter a estatua deste celebre escriptor, que foi natural de Genebra; communica com a cidade para ambas as margens por meio da formosa ponte de suspensão, de uma estructura particular, ultimamente construída. Ao longo do lado meridional ha um bello caes com bons edificios.

Nesta cidade abundam os meios de instrução. A universidade tem quatro faculdades — theologia, direito, sciencias, e bellas-lettras, com 40 professores: ha escolas de desenho e architectura; as escolas industriaes, onde se ensinam as mathematicas, a physica e chimica, applicadas ás artes; a escola de musica; a de gymnastica; a dos aprendizes de relojoeiro; além das elementares, das da 1.ª infancia, e d'outras muitas, tanto publicas como particulares. Possui também muitas sociedades litterárias, e scientificas, como, a de medicina, physica, e historia natural, a de technologia, a militar, e uma associação de leitura, que tem uma livraria de 30:000 volumes, recebe jornaes e outros papeis estrangeiros, e conta muitos subscriptores. O museu d'histria natural é muito rico. O gabinete de medalhas é digno de ver-se, e o jardim botanico, que dirige o illustre professor De Candolle. A capital d'un estado tão pequeno, muitissimo inferior em população a algumas grandes capitães, as envergonha relativamente aos amplos recursos que apresenta para a publica instrução: também difficultoso será achar uma cidade de igual grandeza que offereça um extenso catalogo de sabios, seus naturaes, como apresenta Genebra. Fôra longo enumera-los; mas além dos já nomeados, o illustre Rousseau, e o grande botanico De Candolle, poderemos citar como exemplos os nomes, geralmente conhecidos no Orbe litterario, de Burlamaqui, Leclerc, Bonnet, Saussure, Deluc, Trembley, Sennebie, Delolme, Say, Madame de Stael; e dos ainda vivos, Sismondi, historiador e economista, Dufour engenheiro, Prevost &c.

O estado moral e social de Genebra, ainda depois do lapso de tres seculos, inculca a forte impressão que lhe estampára o reformador João Calvino. Este estado, sendo apenas um diminuto ponto no mappa da Europa, exposto ás antipathias religiosas e politicas de seus poderosos visinhos de França, de Saboya, do governo hespanhol da Lombardia, e mais que tudo ás manifestas e incessantes hostilidades da curia romana, pôde resistir a todos os ataques pelo espirito publico dos seus cidadãos, e pela sabedoria e politica do seu conselho. Henrique 4.^o, o magnanimó monarcha da França, protegeu Genebra. Contra os duques de Saboya a auxiliaram Berne e Zurich; e os Estados da Hollanda, os principes protestantes da Alemanha, e a Gra-Bretanha se interessaram em seu favor. Por estes meios conservou a sua independencia politica e religiosa, e foi como o ponto de reunião da communhão reformada na Europa occidental, de modo que foi chamada a Roma dos Protestantes. Quando outros motivos a não constituíssem uma cidade notavel na historia, bastariam estas circumstancias para a fazer celebre. No tempo em que Luiz 14.^o, a quem certa gente denominou o grande, [talvez por desperdícios, despotismos, e caprichos] devastou provincias inteiras da França, as mais industriosas, sob o pretexto de zelo religioso, abriu Genebra o seu recinto hospitaleiro aos perseguidos. Cidadãos pacíficos e trabalhadores, feridos no ponto mais melindroso, a consciencia, abandonaram o paiz, onde prevaleciam hypocritas de costumes escandalosos, quaes foram os daquella cõrte devassa; e fugindo á perseguição, que lhes suscitavam odios iníquos, vieram augmentar a pequena republica com sua industria e actividade. Os ricos acharam asylo; os pobres consolação e soccorro. Irmãos de crença se abraçaram; e a politica imprevidente, cedendo em França aos impulsos do fanatismo desmoralizado, viu fugir as abelhas laboriosas para fóra de seus districtos. Não insistámos porém mais sobre estes funestos erros: basta que a historia os avalie, e o senso commum os reconheça para se evitarem as repetições de semelhantes. Gente ha a quem os raios da verdadeira offuscam; mas a velhice tem a vista baça; aos moços cumpre descortinar ao longe os objectos.

Pela constituição actual de Genebra o conselho executivo, de 24 membros, tem simplesmente a iniciativa das leis. Perante o conselho representativo, composto de 274 membros, se apresentam os projectos, que elles aceitam, ou recusam, ou emmendam. Os membros deste ultimo são eleitos por nove annos por todos os cidadãos; isto é, por todos os maiores de 25 annos, naturaes do paiz, que pagam 7 florins d'impostos directos, e que não são mendigos, bancarroteiros, ou creados de servir, nem estão suspensos dos seus direitos por implicados em crimes. O conselho representativo nomeia os membros do conselho executivo por oito annos; fixa o orçamento annual do cantão, e tambem o orçamento municipal da cidade; e nomeia os juizes e outros magistrados. As sessões do conselho representativo são publicas. A imprensa é livre.

Berenger escreveu a historia de Genebra; e Senebier a historia litteraria desta cidade.

DAS AGUAS.

II

2.^a — *Aguas de fonte.* — Tractámos n'um 1.^o artigo, inserto em o nosso numero 32, da agua que provém dos phenomenos atmosfericos, e consideramo-la sómente no estado em que se acha apenas se desprende das nuvens; não indicámos as modificações

que sofre em consequencia do contacto da terra; porém agora mostraremos que a mesma qualidade d'agua não conserva muito tempo as mesmas propriedades, uma vez que haja atravessado camadas de terra de diversa natureza.

A porção de chuva, grânizo, ou neve que cae sobre as massas liquidas que estão na superficie da terra, mistura-se necessariamente com estas, resultando-lhe d'aqui o perdimento das suas propriedades caracteristicas; mas a que cae sobre a terra passa a ser modificada de mui diferentes maneiras, porque, da que chove sobre os prados, ou outro qualquer terreno cuberto de abundante vegetação, parte absorve-a o terreno, outra parte evapora-se logo que cessam a chuva, a neve ou o grânizo, e outra é decomposta pelos dictos vegetaes, que absorvem e convertem em alimento seu o hydrogencio, e emittem o oxygencio no estado de gaz. E por isso que o homem sente tão grande refrigerio perto das terras vestidas de plantas, onde acaba de cair uma chuva copiosa, pois o oxygencio é de todas as substancias o mais poderoso elemento da vida animal.

Quando, porém, chove sobre uma cordilheira de montanhas estereis, ou sobre um aréal, os effeitos são mui diferentes. Em terrenos tão ingratos não ha vegetal algum que decomponha a agua, nem raiz que absorva a humidade do solo, e por isso todo o liquido que se não evapora deve entranhar-se na terra e buscar sair d'outra maneira. Se a superficie fôr pedregosa, a agua não fará mais do que inundala; mas se acaso fôr porosa ha-de introduzir-se a agua pelos seus poros, em virtude da força de gravidade. Eis-aqui o como um numero infinito de fiosinhos de agua podem penetrar a terra até encontrarem alguma cavidade que lhes sirva de reservatorio, uma camada de terra compacta ou um leito de argila, que os não deixe passar d'alli ávante. Na ultima das hypotheses antecedentes o fiosinho de agua se afastará da via recta, e acompanhará as ondulações do terreno, mas procurando sempre ganhar o nível mais baixo. Supponhamos que n'um vasto aréal, n'um paiz montanhoso, ha uma immensidade de canaesinhos pelos quaes correm delgadissimos fios de agua, mas que em certa profundidade a camada de aréa assenta sobre uma camada de argila, que por sua natureza veda todo e qualquer escoamento: os veiosinhos d'agua não-de, em tal caso, seguir nova estrada e ir acompanhando o terreno arenoso, correndo em direcção obliqua. Esta veia d'agua pôde vir ter mais abaixo do que a base da montanha, e até entrar pela terra da planicie ou valle que confinar com ella; mas se acaso no terreno que encerra a veia de agua houver uma fenda ou furo natural ou artificial, a agua subirá pela fenda a uma altura proporcional á dos arçãos subterraneos que existirem nas entranhas do monte, formando assim os elementos de uma fonte perenne, porque os arçãos visinhos lhe não-de ministrar gradualmente as suas aguas junctas n'um só canal. Se todavia a fonte não fôr provida de agua desta maneira, umas vezes dará menos, outras mais, até seccar pouco tempo depois de cessarem as chuvas; e se isto não succede sempre é porque, as mais das vezes, as montanhas tem depositos naturaes mais altos do que o nivel das fontes. E cousa que não admite duvida que as massas das montanhas tem cavidades devidas talvez a revoluções do globo em tempos remotos. Estas são os reservatorios d'onde partem immensos veios d'agua que coam atravez da superficie que as cobre, e em quanto houver alguma agua, por pouca que seja, nos taes reservatorios, as fontes dos valles visinhos continuarão a correr.

O que acima deixámos dicto, com o que n'outra

ocasião dissemos ácerca dos poços artesianos, em o nosso numero 30, bastará para dar uma idéa da maneira porque as fontes se fôrmas.

A agua da chuva filtrando pouco a pouco, como temos explicado, por poros tão finos e bastos soffre um processo de filtração natural, que quasi sempre lhe dá a pureza do crystal, que tem servido aos poetas, desde que ha poetas, de objecto de comparação. Comtudo ella não atravessa a terra sem que encorpore em si algumas materias estranhas e largue outras. As qualidades mineraes dos diversos solos por meio dos quaes a agua penetra devem necessariamente alterar-lhe as propriedades: se passar por um terreno cheio de giz ha-de incorporar em si uma porção de cal; se o terreno fôr ferruginoso conterá ferro, e assim quanto ás mais substancias. Quando as materias estranhas absorvidas pela agua são solúveis n'ella, ou de natureza salina, o liquido resultante recebe o nome de *agua mineral*; porém quando as suas propriedades pouca alteração tiveram, chamam-lhe *agua de fonte pura*, a qual differe da agua da chuva principalmente porque contém certa quantidade de cal, que, considerada a agua como bebida, lhe faz mais bem do que mal, posto que lhe dê certa asperza que não a deixe servir para muitos usos caseiros. Os dois empregos mais frequentes da agua são: 1.^o a lavagem da roupa; 2.^o a extracção dos principios nutrientes e substancias dos corpos mediante a ebulição, a infusão, a decocção &c. &c. Para estes dois misteres é a agua da fonte inferior á da chuva, especialmente pela muita cal que contém.

3.^a — *Agua de rio*. — Mostrámos que quando chove em alturas cujo terreno é poroso, grande porção d'agua é absorvida e dá origem ás fontes. Se a massa dos montes se compoz de materias durissimas e mui compactas, como são o granito, a ardesia, a pedra calcarea &c., as quaes a agua não póde atravessar; se o forro de terra fôja que cubrir essas montanhas tiver muito pouca grossura, e finalmente se na rocha houver fendas que cheguem á base da montanha, seguirão os diferentes veios de agua seu caminho, sem que ella adquira virtude alguma particular, mediante o contacto da materia dura e insolúvel do rochedo. Ora, se em qualquer sitio alto da montanha houver algum receptaculo ou lago abastecido de aguas, pela maneira que dissemos, poderá alimentar uma fonte cuja corrente será tenue sim, porém constante; mas se em diferentes terras visinhas e nos valles que se separam houver muitos reservatorios d'onde partam ribeiros que venham a final confluir n'um leito commum, toda a agua da chuva que cair sobre uma grande extensão de terreno de serranias, depois de ter filtrado gotta a gotta por meatos tortuosos e estreitissimos, incorporando-se successivamente a um regato mais caudaloso o converterá em rio. Tal é a origem de todos os mais famosos rios. O Brahmoopatra e o Ganges nascem nos montes de Himalaya, que demoram ao norte das Indias, e que são os mais altos do mundo; o Nilo deve as suas aguas á chuva que cae em medonhas torrentes sobre as montanhas da Lua, na Africa central; o Amasonas recebe as suas de uma extensa cordilheira de montanhas chamadas Andes, na parte occidental da America do Sul; o Mississipi sae das montanhas penhascosas da America septentrional; e os rios de menor importancia emparelhariam com estes se mais extenso fosse o seu curso antes de desagurem no mar, se não proviessem de terreno menos montuoso, ou se de mais fontes e ribeiros fossem formados.

D'aqui se vê quão enganados estão os que presumem serem a agua de fonte e a de rio de especies diversas, pois que a unica differença que ha de uma

a outra é só devida á natureza dos leitões por onde correm até chegarem aos sitios onde as vamos buscar para nosso uso: a agua de fonte ao atravessar as paredes delgadissimas de um solo poroso entra em contacto intimo, não sómente com particulas terreas ou arenosas, mas tambem com os corpos metallicos ou salinos que encontrar no seu transitio subterraneo, durante o qual está mais apta para se combinar com parte daquellas substancias do que quando corre simplesmente pela superficie dellas, e tanto assim é que a menor alteracção que em tal caso se lhe nota é a que lhe causa a cal tornando-a salobra. Os fios d'agua que correm pela superficie da terra, é verdade que arrastam porçõesinhas d'arêa, saibro, terra, seixinhos, materia vegetal &c., mas sem se combinarem com elles os volvem apenas misturados em suas aguas. Ha com effeito uma differença muito notavel entre *combinação e mistura*, a qual practicamente se póde dar a conhecer do modo seguinte. A filtração, por exemplo, póde converter a agua barrenta dos rios em liquido claro e limpido, depurando-a das materias impuras, porque essas materias estão *misturadas* com a agua por um effeito mechanico; mas não lhe é dado converter a agua salobra em doce, porque a cal está chimicamente combinada com a agua e só por meios chimicos della póde ser separada.

Os rios são o mais importante manancial de agua para os usos domesticos, e isto por duas razões; a primeira porque o curso longo dos rios desde a nascente até a sua foz os torna proveitosos a grande numero de cidades; a segunda porque é cousa acreditada ser a agua de rio menos alterada que a das fontes pelos corpos mineraes estranhos. Quasi todas as cidades grandes estão situadas á beira de um ou mais rios para commodidade das manufacturas e proveito das precisões domesticas. Mas acontece com frequencia ser a agua d'um rio menos boa para beber do que a de outro que corre a pouca distancia. Esta a causa da construcção dessas fabricas maravilhosas — os aqueductos dos antigos, muitos dos quaes ainda hoje subsistem como monumentos da industria das primeiras edades e da sua ignorancia dos principios da hydrostatica; porque o logar onde a agua nascia ficava sempre sobranceiro ao ponto para onde a conduziam, e se elles soubessem que por meio dos tubos de que fallámos no nosso já citado numero, conseguiriam o seu intento, fosse qual fosse a profundidade dos valles intermedios, desistiriam de construir tão collossaes e dispendiosos aqueductos.

Incorreu na mesma censura quem deu traça para a obra do nosso magnifico aqueducto chamado das *Agua Livres*, que ao passo que na magestade e seguranga com que foi acabado nos está patenteando um prodigio de architectura, nos revela quão mal era conhecida em Portugal, ha um seculo, a sciencia do equilibrio dos fluidos. Os architectos dos antigos tempos ainda podiam allegar em seu favor a falta de materias sufficientemente rijos para os canos dos syphões, mas esta desculpa não a podiam dar os doutores, que, sendo consultados sobre a materia, mostravam a primasia do ferro para taes obras, em seus pareceres, recheados d'asphorismos de uma chimica abstrusa e só fundada no *ipse dixit* de seus auctores mimosos. Entretanto não seremos nós os que, nesta epocha em que todos invocam, ao menos com os lábios, a *deusa Economia*, condemnaremos o talvez unico monumento util daquella epocha de prosperidade, em que os portuguezes nadavam nas riquezas da India e do Brasil. Podia, é certo, conseguir-se o mesmo fim com menor despeza, e sem o risco de ser o aqueducto cortado por um raio &c.: porém por mui-

to bem empregadas devemos dar essas despezas e o trabalho de vinte annos, decorridos desde 1729 até 1748, visto que lhes somos devedores de uma obra admirabilissima, honra dos naturaes, e inveja dos estranhos.

Elrei D. Sebastião foi o primeiro que, em 1588, mandou fazer medições d'aguas com o fim de as encanar, o que elrei D. João V conseguiu por meio de tão magnifico aqueducto, para o qual deu o risco o brigadeiro Manuel da Maia. Começa elle na ribeira de Carenque, tem, na distancia de quasi tres leguas, 127 bellissimos arcos de cantaria, o maior dos quaes, sobre o valle d'Alcantara, é alto de 315 palmos de craveira, e largo de 150, e gyra em ramos transversaes o espaço de perto de cinco leguas; e tudo isto está com tal arte e solidez construido que no grande terremoto de 1755 apenas soffreram algum dano tres dos dezeseis torrédes, que servem de ventiladores. Omittiremos algumas particularidades mais, já publicadas em jornaes e livros, contentando-nos com dizer que fazendo-se a medição da agua do aqueducto em 14 de Setembro de 1822, se achou ter 38 annes, e 5 pennas [*], quantidade que não chega para o gasto de uma cidade tão populosa, mas que esperamos ver em breve augmentada com a que se está encanando.

Não falta quem julgue de pessima qualidade as aguas das Aguas Livres, e elogie muitissimo alguns chafarizes da cidade que provém d'outras nascentes.

Com effeito aquella agua deixa nas vasilhas onde a fervem, e nos canos por onde corre, um sedimento extremamente duro, que, partido ao martello, apresenta pequenas laminas brilhantes; mas pela recente analyse publicada pela benemerita Sociedade Pharmaceutica no N.º 3 do seu jornal, [que transcreveremos para desgano de quem assim pensa, e como um testemunho do quanto apreciamos trabalhos de tanta utilidade] está demonstrado o contrario.

A agua das Aguas Livres, cuja densidade é de 1,003 achou-se que continha no peso de 25 kilogrammos [arrateis 54 $\frac{45}{100}$ prox.] 24 kilog. 985,12 gram. de agua pura, e 7,43 de materias fixas secas a 100º centigrados; a saber:

Sulphato de cal	0,63
Carbonato de cal	3,23
Carbonato de magnesia	1,16
Chlorureto de magnesia	0,95
Chlorureto de sodio	1,00
Oxydo de ferro	0,21
Materia organica	0,21
Acido carbonico	1,06
Ar atmosferico	0,63

A agua da *Pimenteira* é de igual densidade, e na mesma porção de liquido contém 8,49 de materias fixas, 6,41 de saes de cal, e 1,43 de acido carbonico; a densidade da *do Chafariz d'Elrei* é de 1,007, materias fixas 13,87, saes de cal 9,55, e acido carbonico 6,20; e a do *Pateo das Cosinhas* na Ajuda tem de peso ou densidade 1,005, de materias fixas 11,27, de saes de cal 6,57, e de acido carbonico 1,75. Nenhuma destas aguas contém materia organica.

MODO DE GOVERNAR OS HOMENS.

A ARTE de pôr em acção a machina de cada individuo, consiste em pesquisar qual é a sua paixão mais

(*) O anel tem 8 pennas: equivale a uma bica, do diametro da duodecima parte de um palmo de cinco em vara, que deitasse 98 pipas, 18 almudes, o 6 $\frac{2}{3}$ canadas por hora.

forte e dominante. Achada ella, pôde-se dizer, que está descoberto o segredo, e a mola real do seu movimento. Aquelle que tiver a vista aguda e penetrante, e um tacto fino e delicado para distinguir as paixões dos homens, os poderá conduzir, sem duvida, por cima das maiores difficuldades. O homem, e ainda o bruto, levado por força, está sempre em uma continua lucta e resistencia: levado, porém, pelo caminho da sua paixão, elle segue voluntariamente, e muitas vezes, corre adiante daquelle que o conduz, sem já mais temer, nem ainda os horrores da morte. — *Azevedo Coutinho — Ensaio Economico.*

MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

Memoria em que se tracta da origem do nome de Portugal, e dos seus limites em diferentes epochas: quando se separou Portugal da Galliza Romana: quando se chamou reino: e quando os seus primeiros reis tomaram este titulo. — Por D. Francisco de S. Luiz.

Memorias Historicas e Chronologicas do conde D. Henrique. — Pelo mesmo A. — Fol.

Com intima satisfação temos hoje de dar noticia aos nossos leitores d'uma nova obra desse varão, a quem affoutamente podemos chamar a maxima gloria das letras portuguezas, e a maxima affronta de Portugal: gloria principal das nossas letras; porque não ha hi verdadeiro cultor dellas, que não tenha em conta de seu mestre o veneravel Bispo Reservatorio de Coimbra: maxima affronta de Portugal; porque esta terra; quasi sempre madrastra para com seus filhos benemeritos; se tem apurado em primores de ingratição para com elle. Pô-lo Deus, como um luminar de virtude e de sciencia, entre nós; porém, a nós, Getas do occidente, que nos importa a virtude e o saber?—Outros são nossos idolos; porque outra crença seguimos, e outras artes cultivamos. Quantas paginas dos annaes desta epocha em que vivemos desejarão apagar os que vierem apoz nós, para não terem de fazer crua justiça na memoria de seus antepassados!

Duas chaves unicas, entendemos, abrem hoje o rico thesouro da Historia Portugueza: guarda uma o respeitavel João Pedro Ribeiro: outra o illustre A. das Memorias que temos diante de nós: são mãos estas laboriosas e fieis que não escondem o talento, como o máu servô do Evangelho; mas que o negociam em proveito da familia commum. Todavia essas mãos robustissimas, que a idade grave não enfraqueceu, já por entre o bulicio desta geração que vae passando, ufana de sua ignorancia, buscam apoiar-se na borda da sepultura [tarde a achem ellas], e quando a Providencia houver de consentir que a encontrem, podemos ter por averiguado, que a Historia nacional ficará por muito tempo no estado em que estes dois sabios a deixarem.

As duas Memorias de que ora fazemos menção pertencem [como se vê de varios passos dellas] a uma serie de indagações sobre pontos controversos, difficiliosos, e escuros da nossa historia. Já daqui se percebe que é este um trabalho mais solido do que brilhante: um trabalho que torna possível o escrever-se uma historia portugueza. Parece-nos que o revolver cartorios, examinar letreiros, e apurar datas e desenterrar noticias de differentissimas epochas, e ao mesmo tempo escrever com estylo grave e fluente a historia da monarchia, não é presentemente obra para um só homem; porque, chamados todos a trabalharem na dolorosa renovação social, que coube ao se-

culo em que vivemos, uma vida de homem, a maior parte de cuja actividade se deriva para as obrigações politicas e civis, não basta a levar a cabo tão espantoso edificio. Para a gabada Historia da Revolução Franceza de Mr. Thiers homens summos accarretaram materiaes, aliás não saíria ella obra tão acabada, ou não passaria de ser um desses milhares de livros morredouros, com que a França inunda a Europa: imaginemos, porém, agora, o que fóra uma historia de mais de sete seculos, se o mesmo homem houvera de apurar os materiaes e de construir o monumento.

Não podemos deixar de lamentar, que os dois modernos luminares da Historia Portugueza, o Sr. João Pedro Ribeiro, e o eruditissimo A. das presentes Memorias se tenham visto obrigados a apurar datas e factos politicos [que nem isso deixaram bem averiguado os antigos escriptores] gastando em indagações de tal natureza aquelle tempo que com mais proveito teriam talvez empregado em tirar a lume a substancia do passado, isto é, os factos relativos ao progresso da civilisação entre nós, nos diversos tempos da monarchia, como de mais remotos seculos os buscou o academico Amaral, não sabemos se com sufficiente habilidade e bom exito.

Bem persuadidos estamos de que um ou dois homens não bastam para colligir tudo o que é necessario para que se haja de escrever [cremos que tarde será] uma historia de Portugal, segundo o systema de Vico ou de Herder: uma historia da civilisação, e não unicamente de batalhas, de cazamentos, de nascimentos, e de obitos; uma historia, que alevante do silencio do passado as gerações extintas, e que as faça [para dizermos tudo em breves palavras] viver diante de nós. Estudos de tão variadas especies não podem, repetimos, ser feitos todos por um ou dois homens; mas quando os temos como os dois, que acima mencionámos, seguros estamos de que a maior e melhor parte dessas especies serão por elles buscadas, apuradas, e conservadas em beneficio de futuros historiadores.

Considerando a historia como nós a consideramos, podemos dizer que não a temos. Os antigos escriptores das cousas portuguezas [não fallamos aqui nos das cousas da Asia] quasi que só merecem o nome de chronicistas; e auctor de chronicas ha [sirva de exemplo Fernão Lopes] em quem melhor assentára o nome de historiador, do que em muitos a quem damos este nome. Se exceptuarmos, em parte, Fr. Antonio Brandão, e ainda, se quizerdes, seu sobrinho e continuador, veremos que elles indagaram e souberam tudo, quando o souberam, menos o modo de existir, e os progressos intellectuaes e moraes da nação. Se desejosos de conhecer algumas destas cousas, as mais importantes, e [haverá quem o diga] só importantes na historia, fordes revolver esses tantos volumes historicos, que por ahí correm, nada achareis, salvo se para o intento de relatar algum feito de guerra, ou algum successo politico foi necessario tocar na historia dos costumes, das instituições, ou das idéas.

Para estudar a historia nacional á sua verdadeira luz, aquelles que não podem frequentar cartorios, e decifrar velhos manuscritos, só tem, segundo nos parece, uma fonte, a que recorrer, e onde podem beber alguma sciencia na materia, e achar rastos da civilisação de qualquer epocha. Consiste este manancial historico nas chronicas dos diversos institutos monasticos. Sabemos que gravissimo peccado é neste seculo de luzes fallar em chronicas de frades; mas disso pedimos humilissimamente perdão. Todavia para conhecermos alguma cousa da existencia dos nossos maiores, é preciso que léamos as paginas dos chronis-

tas monasticos; que vamos lá buscar até a historia das artes nacionaes, principalmente a da architectura, como a formosa descripção da Batalha em Fr. Luiz de Sousa, e a [porventura mais acabada pelo lado artistico] de Sancta-Cruz de Coimbra, na chronica dos conegos regrantes. São os annaes monasticos uma como historia de familia: porque o monge era chamado á maior parte das situações da vida, desde o berço da infancia até ao pé da enxerga rota do miseravel; ou da cama opulenta do abastado; que ambas ellas na hora de morrer tem o mesmo nome—o leito da agonia. E onde havia antigamente afflicção e dor bem funda, que não apparecessem ahi por consoladores os monges?—Elles vinham do povo; eram povo nas estreitezas do cenobio: guardavam para seus irmãos fé, virtudes, gozos intimos de boa consciencia, e solemnidades religiosas. O monge assistia ao baptismo do homem; assentava-se ao banquete das nupcias, e resava os psalms dos mortos atraz das andas do cadaver:—o seu mister era fallar de paz e de esperança aos desgraçados; de terrores e de punição aos perversos. Afluando de continuo por harmonias do ceu o coração humano, vivia com as multidões; e era a existencia dos pequenos que elle comprehendia, porque a seguia desde o primeiro até o ultimo dia. Na historia monastica se encontra a da humanidade; porque o monge, se não era politico, nem magistrado, nem guerreiro, nem descobridor de terras e mares afastados, era ao menos homem vulgar e chão; e não foi destes que curaram os escriptores estipeñarios que historiavam paços, armadas, fortalezas, e campos de batalha. Para o que escrevia a historia de um instituto ou de um mosteiro não era de desprezar a carta de testamento do que locupletára os seus confrades, nem a gratidão permittia que lhe deixasse no esquecimento a memoria: depois lá vinham as vidas dos membros da ordem, affamados por virtude ou saber, e o chronista lh'as historiava ás vezes desde a infancia, deixando-nos assim largas paginas de historia intima, e de familia. Passando para o interior do mosteiro, o chronista monastico continuava sempre essa historia, aparentemente diferente, mas na essencia a mesma; porque o espirito de cada epocha transverberava pelos claustros e lá se junctava inteiro: quando lomos a concordia feita entre Fr. João Alvares e os monges de Paço de Sousa, não é a dissolução monastica só, que vemos nesse documento; é tambem a corrupção geral dos costumes portuguezes naquella epocha.

Podíamos levar mais longe as reflexões acerca da utilidade historica desses annaes das corporações religiosas, que ignorantes presumidos desprezam, porque para elles só tem merito palavras oucas de philosophantes; mas para sermos acoimados de retrogrados já temos culpas de mais; e sabe Deus se nos livraremos da accusação de querer que se restabeleçam os frades! A temos, pois, o fio do discurso, que com esta digressão partimos.

Sendo as Memorias que temos presentes todas substancias, e macissas de noticias e averiguações de grande vulto, não fóra possivel individuar tudo o que nellas ha de momento, principalmente para a geographia, e chronologia de Portugal, sem as transcrever inteiras. Contentar-nos-hemos, pois, com mencionar aqui os titulos dos artigos em que ellas se dividem; para que o leitor saiba quaes são as materias que por uma vez ficam assentadas, na primitiva historia da Monarchia.

1.^a Memoria.

1.^o—Origem do nome Portugal.

2.^o—Antes do cazamento do conde D. Henrique.

já o nome de *Portucal* se estendia a um territorio mais amplo que a Diocese.

- 3.^o—O territorio de *Portucal*, já antes do casamento do conde D. Henrique, figurava algumas vezes sobre si, como se fosse separado da Galliza Romana.
- 4.^o—Portugal é desmembrado definitivamente da Galliza. Ampliação de seus limites.
- 5.^o—Noticias para se determinarem os limites de Portugal no tempo do conde D. Henrique, e no primeiro seculo da Monarchia.
- 6.^o—Quando começou Portugal a chamar-se reino? Quando tomou a senhora D. Theresa o titulo de rainha, e o senhor D. Affonso Henriques o titulo de rei de Portugal ou dos portuguezes.

2.^a Memoria.

- 1.^o—Introdução.
- 2.^o—Sobre a legitimidade, ou illegitimidade da rainha D. Theresa.
- 3.^o—Sobre a sugeição feudal de Portugal a Leão.
- 4.^o—Sobre a epocha do casamento do conde D. Henrique, e principio do seu governo em Portugal.

Estas são as materias, que o veneravel Prelado tractou nas suas primeiras Memorias historicas. Fallar da bondade, e clareza da linguagem e do estylo, e da exacção das opiniões, fôra em nós desmarcado atrevimento; que muito inferiores somos na republica das letras, para havermos de julgar as obras dos principes della. — Esperamos com ancia a continuação deste precioso trabalho, para vermos aquillo que mais desejamos, e confiados esperamos; o quadro dos progressos da industria, do commercio, das artes, da agricultura, da população, das boas letras, das sciencias, da moralidade, e emfim de tudo aquillo que constitue a civilização ascendente da nação, saindo das trevas espessissimas do 11.^o seculo.

TRES MEZES EM CALECUT.

Primeira chronica dos Estados da India.

1498.

I

O QUARTO DA MODORRA.

Vasco da Gama tinha atravessado o gollão, que divide a Africa oriental da costa da India, e havendo-se demorado tres mezes em Calecut, voltava para Portugal, deixando descoberto o Oriente.

Era na noite immediata áquella em que a frota levantára ferro da enseada de Calecut: apenas soprava um bafo de terreno, que de dia cessava inteiramente, ou saltava da banda do mar. A náu capitania, o S. Gabriel, aproveitando o vento, seguia viagem ao longo da costa, e o S. Rafael e o Berrio iam na sua esteira.

Ao sair de Calecut, obra de setenta barcos tinham vindo em som de guerra commetter a armada: alguns tiros de bombardas e uma trovoadas, que deu sobre elles, os fez recolher para terra: mas algum novo insulto podia ser tentado pelos mouros de Calecut, conspirados contra os portuguezes: Vasco da Gama ordenára por tanto a maior vigilancia a bordo de todos os navios.

Chegava o quarto de modorra: a brisa da terra soprava levemente, e apenas se ouvia o murmurio das ondas fervendo debaixo das prôas; o somno começava a querer cerrar as palpebras dos homens de quar-

to da náu S. Gabriel. Vigiavam então, entre outros, o interprete Fernão Martins, Alvaro de Braga, João de Sá, Alvaro Velho e um marinheiro chamado Gonçalo Pires, creado do capitão mór.

“Ora sus! — disse Alvaro de Braga: olhae por vós se dormís! — Póde erguer-se o capitão mór de subito: e não quero eu estar-vos na pelle, se vos acihar descuidados.”

Bofé que al podemos nós fazer, tornou Gonçalo Pires, cortados como andamos do cansaço e trabalho? — Se os mouros ou os christãos da terra vierem nas suas barcas, não estão as bombardas quebradas, e far-lhes-hemos um bom convite: medo não tive eu a essa gente, quando lhes estavamos nas mãos; menos lhes terei agora, que temos ahí para os servir boas panellas de polvora.

“*Audaces fortuna juvat.* A fortuna soccorre os ousados: disse Fernão Martins, que, como interprete e sabedor de linguas, citava muitas vezes latim e arabe, tendo comtudo o costume de traduzir logo os seus textos em portuguez corrente, prenda ainda hoje rarissima em pessoas atreitas a citações.

“A náu aguçá de ló, gritou Pero d’Alemquer, que tinha estado até então encostado á amurada com os olhos cravados no ceu: — arriba para o mar! — Póde por barlavento fazer alguma restinga; que estes mares não teem os parceis arrumados.”

Estas palavras do piloto mór affugentaram por um pouco o somno dos olhos dos marinheiros; e em quanto os homens do leme faziam arribar a náu, ouvia-se-lhes o rumor dos passos que davam passeando ao longo do convez.

No chapiteu de ré estava assentado uma especie de cavallette, sobre o qual havia um instrumento, misterioso ainda para a chusma da náu, com o qual, diziam Vasco da Gama e Pero de Alemquer, arrumavam as alturas e ousavam navegar ao largo: era um astrolabio. Muitos havia ahí, que viam neste instrumento, obra de dois judeus e de um boemo, uma invenção diabolica; mas os marinheiros entendidos e velhos riam-se desta superstição da chusma.

Como na bitacola estava accessa uma candea, e no convez não havia outra luz, os homens do quarto que não estavam de vigia no castello de prôa, foram subindo ao da pópa e se assentaram entre o astrolabio e a bussola, para que o reflexo da luz os conservasse despertos.

“Parece-me, começou Alvaro de Braga, que voltaremos a Portugal, se a Deus aprouver, sem mais ouvirmos ladrar estes perros de Calecut.” E dizendo isto se assentava, e ao pé delle os outros que debalde pertendiam resistir á modorra de antemanhaã.

João de Sá, que até ahí estivera callado, sorriu-se e disse: “Com razão chamais vós perros a essa canzoada de Calecut, que tantas perrarias nos fizeram. Bastava o terem-vos feito adorar diabos, mettendovos em cabeça que eram sanctos. Ao menos nessa não cri eu, apesar da devoção do capitão mór.” Pronunciando estas palavras, João de Sá dava mostras de ufania por ter sido mais experto do que os seus companheiros, mais manhoso do que o mesmo Vasco da Gama. As suas palavras, nestes tempos de crença viva, eram um epigramma demasiado pungente para os que tinham ido a terra: e a maior parte dos que se achavam juncto delle eram deste numero.

“Por minhas barbas, tornou Alvaro de Braga, que vós sois matreiro: mas por ventura não melhor christão do que essa gente! Com que, domi sandeu, já vos parece adoração do diabo o adorar a virgem Maria e os sanctos, o tomar agua benta, e o receber a cinza dos mortos?”

“Em verdade, replicou João de Sá; porque ouvís-

tes fallar em Maria, crestes logo que era a virgem; porque vistes meia duzia de demonios pintados pelas paredes com muitos braços e grandes dentes, tivestes em conta de sanctos; a uma pouca de agua sem sal, chamastes agua benta, e um pouco de barro, que vos deram para pôr na testa, tomaste-o por cinza de defunctos! — Eu serei sandeu, mas certo que ahí ha quem o seja mais do que eu sou.”

“Fernão Martins abanava a cabeça em ar de quem aprovava o dicto: serão christãos, disse por fim, mas tambem eu não o creio. *Credat judeus apella; non ego. Creia-o o judeu; não eu.*”

Voltando-se então para João de Sá e para Fernão Martins, Alvaro Velho fez signal com a mão de que pretendia fallar: elle fora um dos que em terra nunca se affastaram de Vasco da Gama; passava além disso por discreto e observador; e a privança e entrada que tinha com o capitão mór lhe dava certa consideração entre os demais marinheiros. Todos esperavam pelo que diria, com o silencio da curiosidade, e portentura da cortezia.

Se vós tivesses attentado pelo que vistes, como eu attentei; se tivesses conversado os naturaes, como eu conversei, terieis melhor julgado dos seus costumes e da sua fé. — Ainda que affastados da pureza da nossa religião, não deixão por isso de ser christãos. — Afóra os signaes da boa crença que todos vimos nos seus templos, os *quafes* ou sacerdotes me fallaram da trindade, e em si traziam os emblemas della. Muitos me asseveraram, que, além de Calecut por nossa pópa, ficam muitos e poderosos reinos que seguem a fé christã. — Isto tudo notei no livro, em que já tenho escripto o processo desta viagem.

As noticias que Alvaro Velho dizia ter escripto derivaram para outra parte a attenção dos que o escutavam: — a questão da crença dos indios esqueceu; e houve um momento de silencio: — mas este silencio não era o de homens somnolentos. A relação da viagem que Alvaro asseverava ter traçado, erguia nestas almas de bronze todas as recordações de ufania pelos trabalhos passados, porém não sem um leve estremitamento pelos do futuro; porque os mares já cruzados, se haviam de cruzar de novo, de novo se haviam de montar cabos, esquivar perreos, luctar com tempestades e correntes, tractar barbaros da Africa, e desfazer seus ardís inimigos. Entretanto a bordo das náus a doença diminuia as forgas; a morte diminuia os braços. Estes pensamentos, que lhes quebrantavam o animo, não lhes matabam, contudo, no coração o sentimento de que levando a cabo esta empresa, que devia mudar a face da Europa, o seu nome seria eterno e glorioso. Aquelles rudes marinheiros eram felizes, porque tinham a consciencia da immortalidade.

“E que pretendes vós, Alvaro Velho, fazer do livro que escrevestes desta viagem?” — Perguntou Fernão Martins. —

“Da-lo-hei a sua alteza, se chegar a Portugal: — o capitão mór me prometteu fazer com que elrei o mande tresladar por aquella arte maravilhosa de que se serviram para copiar esses livros da *Vita-Christi*, que ahí trazemos, os mestres imprimidores Nicolau de Saxonia e Valentim de Mozavia: oxalá eu o veja; e ficarei pago de todos os meus trabalhos!”

Era uma alma generosa, e o genio de um historiadador, que a providencia tinha sumido na fronte queimada e severa do pobre marinheiro.

“Para affugentar o somno, proseguiu o interprete, bom seria que vós nos lesseis alguma cousa do vosso roteiro: — por exemplo, o que resa da nossa estada em Calecut. Nós outros poderemos talvez, — acrescentou sorrindo-se, — notar alguma cousa em que vos enganasseis. *Recideret omne quod ultra perfectum*

traheretur. Poderemos fazer a póda a tudo o que for de mais.”

“Maldicto lingua! — rosou Alvaro de Braga — capaz és tu de nos matar com latins de frades; mas nas grandes pressas, nem te chegas para alar um cabo! — Aposto que o perro ha-de querer trasladar nessa aravía de romãos o roteiro de Alvaro Velho, para ir no reino fazer com elle grandes biocos ao parvo do Duarte de Resende, o latino?”

Em quanto em voz baixa Alvaro de Braga escarneckia do latim e do interprete, Alvaro Velho tinha entrado no castello de próa, e depois de breve demora, saiu de lá com um rolo de papel na mão. Sem dizer palavra, assentou-se ao pé da bitacola; os outros apertaram o circulo; e elle, depois de folhear com as mãos callosas aquellas paginas cubertas de garatujas, que hoje fariam suar um paleographo experimentado, começou do seguinte modo a sua leitura.

(Continuar-se-ha.)

A Direcção desta Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis annuncia aos S.^{tes} Socios que da data deste annuncio a 30 dias principiará no escriptorio da mesma a recepção da 6.^a prestação das respectivas Acções, desde as dez horas da manhã até as duas da tarde, e desde as cinco da mesma até as oito da noite. Os S.^{tes} Socios residentes nas provincias poderão dirigir-se aos correspondentes da Sociedade, para effectuarem os seus pagamentos, e se lhes pôr nos titulos das Acções o competente averbamento.

A Direcção communica aos S.^{tes} Assignantes, que recebem pelo Correio, que não teem a pagar pelos n.^{os} deste jornal mais do que a quarta parte do porte das cartas.

Tomam-se as assignaturas para este jornal pelos seguintes preços. —

Assignatura annual, por 52 N.^{os} 1:200 r.^s
D.^a de semestre, . . . por 26 d.^{os} 640 ”

Estes preços regulam para os S.^{tes} Assignantes de Lisboa, e Porto; e para os das provincias do reino que recebem pelo correio, porte á sua custa.

Previne-se que d'ora em diante se não tomarão assignaturas com capa para Lisboa e reino.

No Escriptorio da Sociedade se acharão á venda as collecções do jornal, completas até ao fim do anno findo.

O Indice geral alphabetico, com o frontispicio, do 2.^o vol. deste jornal, acha-se á venda por 25 réis.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo
N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.